ATA DA ASSEMBLEIA UNIVERSITÁRIA EXTRAORDINÁRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Aos quinze dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezenove, às 12 horas, reuniu-se a comunidade de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos da Universidade Estadual de Campinas, no Ciclo Básico da Unicamp, sob a presidência do Magnífico Reitor da Unicamp, Professor Doutor MARCELO KNOBEL. O MAGNÍFICO REITOR dá início à Assembleia Universitária Extraordinária, informando que, para garantir as falas e a programação, é preciso que as pessoas que farão uso da palavra cumpram o horário. Informa que estão posicionadas urnas, à direita do palco, para quem quiser se inscrever para o sorteio das falas abertas. Em seguida, profere o seguinte discurso: "Agradeço a presença de todos e todas hoje, neste dia do professor. Hoje realmente é um dia especial para todos nós. Hoje é um dia histórico para a Unicamp, e é também um dia emblemático para o país. Esta é a primeira vez, em 53 anos de existência, que a Unicamp realiza uma Assembleia Universitária Extraordinária. O motivo que nos traz hoje a este local tão repleto de significado, neste momento tão peculiar e preocupante da história nacional, justifica a convocação desta reunião inédita. Olhemos ao nosso redor, há hoje aqui representantes de todos os segmentos da Universidade, da comunidade acadêmica da Unicamp, professores, funcionários, alunos, vinculados ou não a movimentos organizados, há também pessoas de fora da Universidade, representando os mais diversos setores da sociedade. Em que pesem as diferenças que certamente existem entre nós, estamos todos aqui no coração da Unicamp, em nome de um ideal comum: defender as universidades públicas, assim como a educação, a ciência e a tecnologia, contra os ataques que vêm sofrendo em múltiplas frentes, de atores variados. É inaceitável que as universidades públicas brasileiras sejam vítimas de pressões de qualquer sorte, financeiras, sociais ou ideológicas, que as impeçam de desempenhar suas atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma livre e autônoma. A sociedade brasileira precisa ser alertada para o perigo que tais ataques representam para o futuro do país. Caso persistam os ataques, o Brasil corre sério risco de enveredar por um caminho de difícil retorno, rumo à estagnação e ao obscurantismo. Universidades são comprovadamente instituições fundamentais para o desenvolvimento social e econômico de qualquer nação, são as universidades que educam as novas gerações para ocupar posições de liderança na esfera pública e no mercado de trabalho, antevendo com frequência cada vez maior o despontar de determinadas profissões e a decadência de outras. É nas universidades também que se realiza boa parte das pesquisas científicas que resultarão mais tarde em novos produtos e serviços, planejados para melhorar a qualidade de vida e bem-estar da população. As universidades são, ainda, o local primordial de discussão das grandes questões do mundo contemporâneo, importante centro de formulação de políticas públicas e os principais polos de transferência de conhecimento científico para o restante da sociedade. Não há no mundo nenhum exemplo de país desenvolvido que não disponha de boas universidades. De boas universidades, convém destacar, fortemente apoiadas e financiadas pelo estado, sejam elas públicas ou privadas. De natureza inovadora e sempre atenta à realidade que a cerca, a Unicamp não poderia furtar-se, neste momento de tamanha apreensão, a conclamar a sociedade brasileira a unir-se em defesa das universidades públicas,

da educação, da ciência e da tecnologia. Aprovada por unanimidade pelo conselho universitário, a convocação para esta inédita assembleia extraordinária simboliza a indignação da comunidade acadêmica da Unicamp diante dos recentes e reiterados ataques direcionados contra universidades e agências públicas de fomento à pesquisa. Tais ataques podem resultar no total desmonte do sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação, um sistema que levou décadas para ser construído e está na base de todo avanço social e econômico ocorrido no Brasil a partir de meados do século passado. Neste local, que já serviu de palco para outros movimentos memoráveis da história da Unicamp e do país, ouviremos hoje manifestações de pessoas com convicções e pensamentos distintos, unidas em prol do mesmo objetivo. Deve prevalecer aqui o clima de tolerância e respeito às diferenças, que se fez presente durante o planejamento desta reunião, levado a cabo com a participação de representantes de toda a comunidade acadêmica. Cabe a nós, neste dia histórico, explicar para a população de Campinas, de São Paulo e do Brasil o que fazem as universidades públicas e por que se deve defendê-las. As universidades públicas são verdadeiro patrimônio nacional, como comprova o exemplo da Unicamp. Em apenas meio século, a Unicamp transformou a região de Campinas em polo internacional de desenvolvimento tecnológico. Para além de atrair inúmeras companhias de grande porte para a região, a Universidade deu origem a centenas de empresas filhas que hoje empregam milhares de pessoas e ajudam a movimentar a economia do país; formou milhares de profissionais altamente qualificados em todas as áreas do conhecimento, que hoje ajudam a construir o nosso país. Reconhecida internacionalmente como uma das três melhores universidades da América Latina, a Unicamp, assim como suas congêneres estaduais e federais, precisa do apoio da sociedade para prosseguir em sua trajetória de sucesso. É hora de a sociedade compreender que o país não pode prescindir das universidades públicas fortes, autônomas, com liberdade acadêmica e apoiadas pelo estado, universidades públicas de qualidade, gratuitas, laicas e com representação efetiva da própria sociedade. É hora de defendermos juntos o futuro do nosso país. Muito obrigado". Em seguida, passa a palavra para a representação estudantil da graduação: acadêmicos Lucas Marques de Almeida, Aline Schmidt e Manoel Sousa. O Acadêmico LUCAS MARQUES DE ALMEIDA profere o seguinte discurso: "Boa tarde, galera. Quem está aqui para lutar pela educação? Posso ouvir? Eu queria começar saudando muito a iniciativa desta assembleia, que eu acho que é importante reivindicar que partiu de uma reivindicação ao Conselho Universitário das entidades estudantis, dos centros acadêmicos, das atléticas, da liga das atléticas da Unicamp, da associação de pós-graduandos, da ADunicamp, do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, que entenderam que diante dos desafios colocados na atual situação política brasileira, é essencial a unidade para a gente conseguir barrar todos os retrocessos que estão colocados, em especial para a educação. O momento é grave, a gente está enfrentando o que são provavelmente os maiores ataques da história da universidade pública. É o 'Future-se' que vem para acabar com todos os pilares fundamentais da universidade pública; é o contingenciamento de verbas para a ciência e pesquisa da Capes, do CNPq; reitores interventores sendo indicados pelo governo federal em universidades federais e nos IFs; é a CPI das universidades estaduais da Alesp, que está encerrando os seus trabalhos agora esta semana

e que ameaça gravemente a autonomia universitária. Nesse sentido, queria reivindicar esse espaço, reivindicar a importância da unidade de ação para a gente de fato conseguir barrar esses ataques e retrocessos que impõem derrotas às conquistas históricas da classe trabalhadora e da juventude brasileira. Eu acho que, em que pese a importância da unidade, também temos nossas diferenças, eu acho que os estudantes, os professores e os trabalhadores aqui da Unicamp têm diferenças de projeto com a Reitoria, são diferenças significativas, e nesse sentido a importância de como a gente defende a universidade pública é essencial, então a gente precisa entender que quem vai defender a universidade pública vão ser os estudantes, vão ser os trabalhadores, vão ser os professores. Não vai ser abrindo as portas da universidade para a iniciativa privada, para as empresas, que a gente vai de fato conseguir defender a universidade. Para defender a universidade, a gente precisa abrir as suas portas para o povo, ampliar as cotas, ampliar a moradia, fazer avançar as políticas de permanência estudantil. Queria também colocar aqui a importância de que a gente se coloque em defesa das entidades estudantis neste momento, que estão sendo brutamente atacadas, então é muito importante que a gente também tome como exemplo, entendendo também esse espaço como um ponto para a gente avançar na mobilização dos estudantes, trabalhadores e funcionários, e a gente teve um exemplo muito importante nos últimos dias, que foi a luta do povo equatoriano contra as medidas do governo, conseguindo arrancar uma vitória e derrubar o aumento dos combustíveis, levantando, na verdade, um farol de esperança na América Latina, que eu acho que tem que servir como exemplo pra gente que só a luta vai de fato derrotar o Bolsonaro, vai derrotar o Dória e os ataques à universidade pública". O Acadêmico MANOEL SOUSA profere o seguinte discurso: "Boa tarde. Meu nome é Manoel, sou estudante de Pedagogia, da Juventude Vamos à Luta e da gestão do DCE. Primeira questão que eu queria tratar é que a crise das universidades é generalizada, estão ameaçadas de fechar várias federais, cortes de bolsas do CNPq e da Capes ameaçam a pesquisa e a ciência no país como um todo. Frente a esse cenário, nós temos que fazer uma escolha e a Reitoria também, se nós vamos ser gestores da crise orçamentária ou nós vamos à luta ocupar as ruas para se mobilizar para garantir mais verba pública para a educação pública, porque não ajuda em nada num cenário de crise orçamentária a proposta de uma assembleia universitária, que é muito importante pela unidade, mas não ser aberta inscrição para os estudantes, para o conjunto dos trabalhadores e para os docentes. Hoje está colocada uma demissão de 330 terceirizados na Universidade, que nem podem estar neste espaço para debater porque não foram liberados do trabalho. A cobrança de mensalidade na pós-graduação não é uma solução frente à crise. Colocar na mão da iniciativa privada fundo patrimonial não é uma saída. A luta na rua é uma saída. E no primeiro semestre está demonstrado que é possível, porque o tsunami da educação parou todas as universidades públicas e privadas, ocupou as ruas contra os cortes de verbas e contra o fechamento da educação. E hoje está colocado, seguindo o exemplo dos nossos irmãos aqui do Equador, que numa rebelião popular ocuparam o parlamento, foram às ruas e derrotaram o pacote do FMI e o pacote de corte de verbas que o governo Moreno queria aplicar. Esse é o exemplo que nós temos que estar seguindo. Por isso nós queremos fazer um chamado, a reitoria e a todos os estudantes e trabalhadores em conjunto, vamos ter unidade sim,

mas unidade para lutar na rua contra o Bolsonaro e derrotar o Dória". A Acadêmica ALINE SCHMIDT profere o seguinte discurso: "Boa tarde, gente. Meu nome é Aline, eu também sou do DCE e do Cach da Unicamp, e queria dizer que tudo isso que o Lucas e o Manoel já disseram colocam para a gente uma tarefa muito importante, que é a tarefa da nossa geração que ainda está aberta à disputa, se vai ser a gente que vai vencer o projeto do governo Bolsonaro ou se vai ser ele que vai derrotar. Só que eu acho que o primeiro semestre demonstrou a importância e força que tem o movimento estudantil, quando a gente lotou as ruas de todo o país aos milhares. Por isso a gente só vai conseguir derrotar o projeto do Dória e do Bolsonaro se a gente seguir mobilizado. E também se a gente tiver uma universidade que não sirva para as empresas, que não sirva para uma minoria, mas que seja uma universidade para a maioria da população. Por isso agora também é o momento de o movimento universitário ir para fora da universidade, conversar com a população e defender qual é o projeto de movimento estudantil que nós temos. E é por isso que a gente precisa agora ocupar a universidade com o povo, contra os retrocessos que querem acabar com as cotas étnico-raciais, com o vestibular indígena. A gente precisa lotar a universidade de pessoas, e por isso é muito importante que tenha festas no *campus*, que tenha vivência, que tenha ocupação, porque essa é a nossa diferença com a Reitoria, a gente precisa ter uma universidade para a maioria das pessoas. E, por isso, queria concluir dizendo que, para vencer o autoritarismo, para vencer todas essas ideias que não servem a nós, é preciso que a gente permaneça mobilizado, e acho que hoje a gente está fazendo história na Unicamp, num momento em que acontece o 13º Congresso dos Estudantes da Unicamp, que tem a tarefa de armar todo movimento estudantil para derrotar os ataques que estão colocados pelo Bolsonaro e pelo Dória. Por isso, queria terminar a minha fala pedindo para todo mundo, para a gente cantar bem alto, para chegar lá em Brasília, a palavra de ordem, que é muito significativa do que é o movimento estudantil, quando eles querem acabar com os nossos centros acadêmicos e o DCE, o que a gente tem que responder é: 'Nas praças, nas ruas, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil. Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil'. E agora outro, para o Bolsonaro e o Weintraub tremerem, assim: "Não vai ter corte, vai ter luta! Não vai ter corte, vai ter luta! Não vai ter corte, vai ter luta. Não vai ter corte, vai ter luta! Não vai ter corte, vai ter luta!'. Vamos participar do congresso, gente". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra para a representação estudantil da pós-graduação: acadêmicos Patrícia Kawaguchi Cesar e Matheus Alves Albino. A Acadêmica PATRÍCIA KAWAGUCHI CÉSAR profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todas e todos. Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que é uma honra muito grande estar aqui nesse momento histórico, falando pelos estudantes de pós-graduação, em nome da APG central, que é uma entidade que existe graças à construção coletiva de estudantes de pós-graduação que vêm se mobilizando desde o começo do ano contra a proposta de reformulação de pós-graduação da Capes, que nós entendemos que é uma ameaça ao mestrado acadêmico. Essa assembleia, eu gostaria de reiterar o que o Lucas falou, foi uma iniciativa de estudantes a partir de uma assembleia que a APG fez em conjunto com o DCE no começo do mês passado. A partir dessa assembleia, a representação estudantil começou a buscar o apoio de diversas entidades, centros

acadêmicos, APGs, atléticas, outras entidades estudantis, e também o DCE e ADunicamp. Então nós estamos aqui hoje graças ao esforço coletivo de todas e todos, e é por isso que a participação de todas e todos é muito importante nas assembleias onde todos podem falar e dar as suas sugestões. E é muito importante a pós-graduação estar na luta em conjunto com a graduação, porque não importa se nós somos estudantes de pós ou de graduação, a nossa luta pela educação é a mesma. Nós estamos juntos lutando pela universidade pública, gratuita, socialmente referenciada, em todos os níveis de ensino, seja na graduação, seja na pós-graduação, *stricto* ou *lato* sensu. E é muito importante destacar que apesar de o STF permitir a cobrança de cursos *lato sensu* desde 2017, a Unicamp é hoje uma das únicas universidades no país inteiro que garante a gratuidade desses cursos no seu estatuto de pós-graduação. Isso deve ser um motivo de orgulho para todas e todos que estão presentes aqui. E nós todos devemos defender que o estatuto continue dessa forma. E também devemos pensar na extensão, que é um dos três pilares da universidade, ensino, pesquisa e extensão. A extensão é muito importante para a comunidade externa, e nós deveríamos lutar no sentido de ter mais gratuidade nos cursos de extensão, para que ela seja realmente voltada para a comunidade, e não para poucas pessoas que podem pagar por ela. Por fim, neste dia 15 de outubro, eu gostaria de pontuar que eu tenho muito orgulho de ser uma professora de educação básica, formada pelo Instituto de Artes da Unicamp, que apesar de todos os ataques constantes feitos às artes e às licenciaturas, consegue formar excelentes professoras e professores. E nós, enquanto professoras e professores, não lutamos apenas pela universidade pública por nós mesmos, pelas nossas companheiras e companheiros estudantes, nós lutamos também pelas nossas alunas e pelos nossos alunos de escola pública, nós lutamos para que um dia nossos alunos possam estar aqui também, e é por isso que nós defendemos a universidade pública, nós defendemos as cotas étnico-raciais, nós defendemos a permanência estudantil para que o povo realmente esteja presente aqui na Universidade". O Acadêmico MATHEUS ALVES ALBINO profere o seguinte discurso: "Pessoal, agora eu gostaria de falar para cada pós-graduando e pós-graduanda, levar a mensagem de que nós não devemos ter medo de defender condições dignas de trabalho, de pesquisa em uma universidade pública, gratuita, de qualidade, laica e socialmente referenciada. O financiamento público e a autonomia universitária são os pilares da liberdade de pensamento, por isso denunciamos o teto de gastos sociais, os cortes nas agências de fomento e a campanha covarde de intimidação conduzida pelo governo federal e estadual, como uma tentativa de censura a toda a comunidade científica brasileira. A cada novo vestibular, a cara desta Universidade muda, mas isso tudo ainda é insuficiente para que ela seja um sonho possível a todas e todos. Por isso defendemos a gratuidade dos cursos de graduação e pós-graduação, *stricto* e *lato* sensu. Não podemos nos adaptar à situação imposta ao país pela ignorância e aversão ao conhecimento. Para figurar entre as melhores universidades do mundo, nós não precisamos de militares nas escolas, não precisamos da interferência de interesses privados e nem da ingerência do governo em nossas pesquisas. Se somos tão atacados, é porque a ciência lida com problemas reais. Quem entrar na Unicamp, tudo que encontrará são pessoas que dão a sua vida por condições melhores na sociedade paulista e brasileira que a financia. Não

podemos dizer o mesmo dos nossos críticos, por isso nós não vamos abaixar frente a nenhuma autoridade, Reitoria, governador, ou presidente da República. Continuaremos de pé. Continuaremos de pé lutando. Assim os estudantes venceram a ditadura. A ciência não se cala a ninguém. Obrigado, pessoal". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra para a representação do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, senhores Gabriela Diniz e Marcílio Ventura. O senhor MARCÍLIO VENTURA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos e a todas. Em nome do STU, nós queremos cumprimentar a todos os trabalhadores e trabalhadoras que estão nesta assembleia, todos os estudantes, todos professores que estão aqui. Essa é uma assembleia histórica para a Unicamp, nós estamos aqui para dizer 'não' a esse atraso no avanço que tem de haver na sociedade, e não um retrocesso. Essa é a primeira proposta que nós temos aqui. Reafirmando o nosso compromisso com a universidade pública, gratuita, inclusiva e socialmente referenciada. A autonomia das universidades paulistas é uma conquista que teve início num processo de mobilização e greve em 1988, e culminou com o decreto de 1989. O STU tem orgulho de participar de todas essas lutas, que ao longo desses 30 anos de autonomia nos fizeram mais resistentes. Todos os ataques foram respondidos à altura. Foi a mobilização da comunidade da USP, Unesp e Unicamp que aumentou os recursos por duas vezes. Também foi a mobilização que barrou os decretos do Serra, que feriu de morte a autonomia universitária. Quando os acordos não passaram pelo processo de mobilização, o resultado é que as universidades tomaram um passa-moleque do governador, como aconteceu com a FCA, em que tiraram o 0,05% proposto. Também a insuficiência financeira, que é a lei 1.010 de 2007, além das várias rubricas que são retiradas do 9,57%. Devemos ter unidade na busca por mais verbas para a Universidade e dizer 'não' à política de cortes implementada pelas várias reitorias. O STU também se orgulha de ser a primeira entidade do *campus* a pautar a discussão das cotas raciais e apontar que a política de inclusão, além de ser um instrumento de justiça social, serviria também para fortalecer a universidade pública e a democracia. Hoje estamos aqui mais uma vez para defender autonomia de uma política ultra neoliberal e fundamentalista, resultado das últimas eleições, que quer limitar a universidade na sua capacidade de pensar e produzir conhecimento. No âmbito federal, o governo Bolsonaro vem tirando verba das universidades e cortando bolsas de pesquisa. O desejo deles é amordaçar as universidades para que não sejam instrumento de liberdade e compromisso social, a defesa da soberania do nosso país. E também o governo Dória contingenciou verbas das universidades públicas paulistas e sua base na Alesp, que tem uma CPI que ataca a autonomia da USP, Unesp e Unicamp. Seguimos resistindo. A esta Assembleia cumpre o papel importante de juntar a comunidade da Unicamp para somar forças contra esses ataques. Para sobreviver, precisamos ser fortes, estar unidos enquanto comunidade. É preciso também contagiar a USP e a Unesp, mas precisamos ir além de nós. A Unicamp, assim como USP e Unesp, forças motoras do estado de São Paulo na produção do conhecimento, da ciência e da tecnologia, são instituições que impulsionam o desenvolvimento intelectual, cultural e econômico da sociedade, prestam relevantes serviços à sociedade, como no caso da área da Saúde da Unicamp. Por isso, nosso diálogo com a sociedade tem de ser ampliado, em defesa do serviço público, em defesa dos seus direitos, temos que estar mais

próximos dessa sociedade. Esse é o nosso compromisso. E muito obrigado em nome do STU. Continuará a Gabriela". A senhora GABRIELA BARROS GONÇALVES DINIZ profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos. É com orgulho que eu venho, em nome do STU, representar os trabalhadores da Unicamp, representar os trabalhadores da área da Saúde. O STU é uma entidade sindical que defende a universidade pública e os trabalhadores da Unicamp, tem compromisso com a autonomia e entende que é no ambiente de diálogo e tensão que nós avançamos, por isso a autonomia tem que ser fonte de ampliação da democracia, não basta falar em unidade contra os ataques, é preciso respeitar igualmente toda a comunidade que constrói a Unicamp. Devemos democratizar a gestão e promover eleições paritárias. Temos neste momento a possibilidade de corte de cerca de 300 trabalhadores da área da alimentação, que serão demitidos por causa do questionamento do contrato de gestão com a Fundação da Unicamp. É preciso lutar para garantir o respeito a esses trabalhadores e aos seus empregos. O emprego é o instrumento de sustento dessas famílias. Acabamos também de passar por um processo avaliatório em que, com muitos descontentamentos, predominou o viés individualista e tecnocrata dos processos de trabalho. O STU ao longo da história tem apontado que a construção coletiva do trabalho deve pautar os processos de avaliação e de construção da gestão, buscando fortalecer a instituição pública. As sucessivas reitorias apostam no controle de gestão como instrumento de poder, e se recusam a colocar o conjunto de trabalhadores como parte efetiva da construção da Universidade, por isso as nossas carreiras são tratadas dessa forma, como carreiras de gestão de universidade subordinada aos mercados. Isso também vale para os espaços de participação da Universidade. Nossa representação é reduzida e não expressa o papel e a importância dos técnico-administrativos e dos estudantes. Lutamos e precisamos da paridade para que o equilíbrio sirva para fortalecer a democracia e autonomia, observando inclusive a presença e representação externa. Temos muitas questões a levantar, são parte da nossa luta e seguiremos lutando por elas. Mas não vemos nessas lutas e nessas pautas nenhuma contradição com a defesa da autonomia. A autonomia e a democracia devem caminhar com a defesa da universidade pública. Ela, a autonomia, não deve ser fonte de privilégios, e sim de compromisso social para caminharmos para uma sociedade mais justa e igualitária". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra à Associação de Docentes da Unicamp, representada pelos professores Edwiges Maria Morato e Wagner de Melo Romão. A Professora EDWIGES MARIA MORATO profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos e a todas. Neste 15 de outubro, quando se comemora o Dia do Professor, vale o ensinamento de um dos maiores mestres que a Universidade conheceu, Paulo Freire. O mestre deu régua e compasso para o sentido e o alcance das ações pedagógica, científica, social e política enfeixadas no trabalho do professor: 'É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Já esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir, é ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída, por isso é muito diferente de esperar. Temos mesmo é de esperançar". Vale notar que são duas as ideias associadas a essa noção de esperança, sem as

quais o homem não evoluiu na filogênese, sem as quais o homem praticamente não levanta da cama toda manhã e sem as quais não surge o inesperado, para lembrar aqui o poeta Murilo Mendes, e nem a mudança. São as ideias de luta e de ação conjunta". O Professor WAGNER DE MELO ROMÃO profere o seguinte discurso: "Luta e ação conjunta. Mas por que lutar? Por que lutarmos juntos? Por que lutar pela universidade pública e pela Unicamp? Não apenas por todas as inegáveis virtudes já aqui apresentadas nas falas que nos precederam, mas sobretudo ainda por aquilo que ela pode vir a ser, aquilo que a universidade pública pode vir a ser neste país. Os governos de plantão têm apresentado à sociedade os seus "Future-se", como se pensar o futuro fosse uma ação individual, oportunista e 'empreendedora', ou as suas universidades virtuais, como se as trocas presenciais entre professores e estudantes pudessem ser prescindidas. Tudo isso é uma outra coisa, que sequer pode ser chamada de universidade. Estamos plenamente satisfeitos com o que a Unicamp é hoje, com o que a universidade pública brasileira é hoje? Por certo que não, mas sabemos que as bases estão lançadas e que precisamos proteger essas bases para que elas possam ser muito melhores, muito mais inclusivas, muito mais gratuitas, plenamente gratuitas, muito mais atuantes na sua comunidade e no entorno, aqui em Campinas, nas regiões da cidade, em toda essa expansão que as universidades públicas federais tiveram nos últimos anos, muito mais comprometidas com a transformação da nossa sociedade, da nossa realidade, muito mais comprometidas com o rompimento das cruéis desigualdades que permanecem entre nós. Essas desigualdades que ainda nos separam e nos impedem de construirmos juntos a universidade dos nossos sonhos e a sociedade dos nossos sonhos. Na universidade dos nossos sonhos, que construímos a partir da nossa Unicamp, da nossa universidade pública tal qual ela é hoje, professores e funcionários recebem justos salários por seu trabalho. Na universidade dos nossos sonhos, há carreira bem estruturada; não há arrocho salarial; não há terceirização e precarização do trabalho; há respeito aos direitos trabalhistas; há plena segurança para que seus trabalhadores possam desenvolver plenamente as suas capacidades no ensino, na pesquisa e na extensão; há liberdade para o aprender; há liberdade para o ensinar; há espaço para pesquisa básica; há espaço para invenção; mais do que tudo, há o compromisso com a democracia e com a busca da verdade. Esses desejos, esses sonhos têm sido a inspiração da ADunicamp ao longo desses mais de 40 anos de existência, e a sociedade brasileira e a comunidade universitária podem ficar certos de que estaremos prontos a continuar a defender, e mais do que isso, a trabalhar em conjunto, a trabalhar conjuntamente para que essa universidade dos nossos sonhos se torne cada vez mais realidade a cada dia". A Professora EDWIGES MARIA MORATO profere o seguinte discurso: "Do que defendemos a Unicamp? Da sombra e do obscurantismo, do conservadorismo? Por certo. Mas também do subfinanciamento e da negligência do estado, do proselitismo político, do arrocho salarial, da exclusão de categorias de cidadãos brasileiros, das más condições de trabalho, da lógica empresarial que compromete o equilíbrio de suas atividades-fim, de seu compromisso com o interesse público emancipador, democrático e socialmente referenciado. Nesse contexto, qual o papel da ADunicamp? O seu papel tem sido historicamente de defesa intransigente da Universidade, da educação, da ciência pública. Isso ao lado da comunidade universitária, em

conjunto com outros sindicatos docentes, associações de classe e movimentos sociais. Neste dia particular na vida da Universidade, dia em que voltamos a juntar forças, esperanças e lutas para defender a integridade das condições da vida universitária em seus muitos aspectos, a Associação de Docentes da Unicamp celebra este ato, a Assembleia Unificada, porque o sentido da qualidade da vida associada passa pelo reconhecimento da centralidade do papel do professor, da aventura humana de construir e compartilhar conhecimento. Viva as professoras, viva os professores! Um viva aos estudantes! Um viva aos estudantes e aos que trabalham das instituições de ensino e pesquisa! Que viva a universidade pública brasileira!" O MAGNÍFICO REITOR Obrigado passa a palavra para o Núcleo da Consciência Negra. O Acadêmico GUILHERME ANTUNES profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos! Meu nome é Guilherme, eu sou um dos vários que constroem o Núcleo de Consciência Negra da Unicamp. Começo dizendo que há algo gritante ocorrendo no Brasil atingindo o povo preto. A fim de exemplificar esse fenômeno, peço que observem o estado do Rio de Janeiro e lembrem da morte da vereadora assassinada Marielle Franco, e de Anderson. Os centos e tantos tiros desferidos contra uma pessoa negra. O aumento da letalidade policial nesse estado e a morte da criança Ágatha, de 8 anos de idade. É importante destacar que essa onda de mortes de pessoas negras tem se agravado com a eleição de Bolsonaro, a nível nacional, e do governador Witzel a nível estadual. Há um projeto articulado em curso de morte das pessoas negras, que aqui chamamos de genocídio. Para além disso, creio ser importante falar sobre o atual governo Bolsonaro, pretendendo precarizar as universidades públicas federais, a Unicamp se insere nesse contexto na medida em que dispõe de uma elevada quantidade de bolsistas Capes e CNPq. Os recursos para a pós-graduação e iniciação científica encontram-se extremamente ameaçados. Pegando esse gancho, é fundamental falar sobre os ataques das universidades estaduais paulistas, coordenados na CPI das universidades, que representam uma ameaça à autonomia universitária e ao seu compromisso social, ao passo que muitos dos organizadores dessa CPI defendem um modelo mais aberto ao capital privado na produção de conhecimento, abrindo brecha para que o mercado dite o que as instituições públicas de ensino superior devem priorizar. Dentro desse contexto geral, é fundamental apontar quais serão aquelas pessoas mais prejudicadas com os cortes na educação, principalmente na pós-graduação, que são os estudantes negros e negras, oriundas de vários estados do Brasil, que estudam na Unicamp. O corte de bolsas atinge principalmente esses setores, pois são aqueles que dispõem, em geral, de parte dos recursos para terminar o mestrado e o doutorado, pois não detêm financiamento familiar para pagar aluguel, alimentação, material de estudos etc. Ou seja, os cortes vão cercear ainda mais a presença dos pretos, pobres, indígenas e quilombolas na Unicamp, sendo esses talvez os primeiros de suas famílias a cursarem a pós-graduação ou graduação. Esse é um dado muito preocupante, que toda comunidade acadêmica deve se atentar, pois a presença dessas populações nesses espaços é fundamental para o aprofundamento da democracia. É importante ressaltar que a Unicamp, fruto da atuação principalmente do movimento de estudantes pretos e pretas, conquistou as cotas na graduação em 2016, e na pós-graduação em quatro institutos. Essa é uma conquista que foi resultado da articulação entre os diferentes setores internos e

externos à Universidade, que deve ser celebrada e creditada a nós, pessoas negras. Contudo, é uma bandeira que encontrou fortes resistências em uma das principais universidades da América Latina, demorando anos para que a política fosse implementada na Unicamp. Para se ter uma ideia, desde 2003 a Uerj dispõe de cotas, a UnB desde 2014 e a UFBA desde 2005. No ano de 2012, o governo federal de então sancionou a lei de contas nas universidades federais, nacionalizado a política e respeitando as especificidades regionais. Celebramos as cotas na Unicamp, depois de um longo processo de consolidação das políticas afirmativas em âmbitos estaduais e federais. Contudo, é importante reconhecer que essa conquista emerge tardiamente, inserida na última cidade do mundo a abolir a escravidão. Termino dizendo, caminhando para o final, esta assembleia extraordinária é uma iniciativa extremamente relevante frente ao contexto político em que nós estamos inseridos. Congregar estudantes, professores, trabalhadores, técnico-administrativos e terceirizados desta Instituição para refletir sobre os descaminhos da educação pública gratuita e de qualidade é essencial. Trata-se de uma iniciativa inédita no século XXI. Porém, esta Universidade deve ser celebrada, desde que respeitadas as nossas diferenças, que não são poucas. Desde 1888 comemoramos uma falsa abolição, isto é, uma abolição formalmente à escravização de pessoas negras no Brasil. Mas não foram implementadas políticas de reparação que incluíssem os recém-libertos nas profissões de prestígio, nas escolas de qualidade e na construção política equitativa na nação. De lá para cá, observamos pessoas negras sendo discriminadas pelo racismo, mortas pela política genocida do estado, excluída das universidades e da produção do saber. As políticas afirmativas na Unicamp chegam em 2016 com uma iniciativa importante, mas representam o início de um processo que deveria ser construído desde a abolição formal. Para além de estarmos nesta Universidade, é preciso que ela se abra para a nossa presença e que não admita nenhuma forma de racismo e discriminação. Constantemente há pichações na Unicamp, professores que falam abertamente que as cotas vão substituir cérebros por nádegas, entre outras atrocidades. Esta assembleia representa uma unidade, mas que para que ela efetivamente tenha potencial transformador do *status quo*, ela deve refletir sobre qual o nosso lugar enquanto pessoas negras neste espaço. Para encerrar, um chamado para a unidade na diferença, somos contra a política do Bolsonaro, mas também não aceitamos que as pautas das maiorias do país sejam colocadas em escanteio. Lutar contra os cortes na educação e pela universidade pública perpassa por construir mecanismos de democratização das universidades, em toda a sua estrutura, desde a presença de estudantes negros e negras, professores, até a transformação radical da epistemologia eurocêntrica da Unicamp. Nossos passos vêm de longe, e muitos tombaram para que hoje estivéssemos aqui. Ou a universidade se abre para nós ou, como fizemos em 2016, continuaremos pondo o pé na porta, ensinando como se constrói a democracia universitária na prática. Obrigado. Poder para o povo preto!" O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra aos acadêmicos indígenas: O Acadêmico MARINALDO ALMEIDA COSTA profere o seguinte discurso: "Irmãos e irmãs, hoje é um dia histórico para a universidade, onde estamos aqui para lutar por uma universidade pública e gratuita, onde estamos afirmando e dizendo aqui que os acadêmicos indígenas, os outros povos estarão sempre em luta de uma universidade pública. Vamos lutar por uma

universidade onde a diversidade entre e afirme a sua ciência". A Acadêmica DANIELA PATRÍCIA VILLEGAS BARBOSA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos e a todas presentes nessa assembleia extraordinária. É um imenso prazer estar aqui, não somente pelo fato de ser uma mulher, mas sim principalmente pelo fato de ser uma mulher indígena, assim como também temos mulheres negras, mulheres brancas que lutam por essas conquistas de igualdade e, principalmente, afirmar nossa identidade como indígena, como negra, como branca, e nas ciências que estão sendo cortadas a cada momento. E esse governo, eu digo uma coisa, esse governo não me representa, e queremos igualdade, diversidade dentro das universidades". O Acadêmico ARLINDO ALEMAO GREGORIO profere o seguinte discurso: "Senhoras e senhores, primeiramente eu queria agradecer às pessoas que nos deram esta oportunidade e esta voz. Eu queria começar dizendo que sabemos exatamente, como indígenas, como ser desrespeitados em todos os direitos que demoraram anos e anos para serem conquistados. Esse governo vem desrespeitando direitos que levaram décadas e décadas para serem conquistados. Não é de se estranhar que acabar com as terras indígenas, querendo municipalizar a saúde diferenciada dos povos indígenas, liberando a exploração de minérios nas terras indígenas, e ainda querendo o arrendamento das nossas terras. E não suficiente, esse mesmo governo fascista, que não gosta dos povos minoritários, corta no início do seu governo através da PEC 55, na verdade ele congela através da PEC 55 durante 20 anos essa verba, o que eu considero uma agressão ao conhecimento e aos direitos, principalmente dos povos brasileiros. E achando pouco, ele corta, que ao meu ver, eu acredito que é uma agressão não só à ciência, à educação, mas ao futuro dos jovens que, como a gente, estão tendo a primeira oportunidade de estudar em universidades públicas. Essa agressão veio através da Capes. Capes, senhores, é uma bolsa que nos coloca entre os 15 maiores produtores científicos no planeta, da qual 95% dessa produção científica é feita pelas universidades públicas. E eu quero dizer uma coisa, esta Universidade, e outras universidades, tem que estar refletido aqui dentro, e nós, eu acredito que estando aqui presente, estamos refletindo a universidade enquanto sociedade, e isso a universidade tem que nos oferecer, a gente não está pedindo, não está implorando, é simplesmente exigindo um direito que nos foi assegurado. Muito obrigado". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra aos coletivos feministas. A Acadêmica CAROLINA BONOMI DE MENEZES GUERRA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todas e todos. Inicio a minha fala com um pequeno fragmento de Paulo Freire, e recordar todos os seus ensinamentos e produções que ele realizou aqui na Unicamp: 'Sou professor a favor da docência contra o despudor, a favor da liberdade, contra o autoritarismo da autoridade e pela democracia. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente e quem inventou essa aberração, a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo', Paulo Freire em 'Pedagogia da autonomia'. Ao longo dos 50 anos da Unicamp, muitas mulheres construíram as suas histórias em diferentes áreas do conhecimento, lutaram por melhores condições de trabalho, foram pioneiras em pesquisas, produziram políticas, e muitas delas foram silenciadas. Mesmo assim, essas

mulheres permaneceram firmes, buscando construir uma outra perspectiva de universidade. Ao falar sobre essa categoria ‘mulheres’, não busco criar universalismos, afinal somos muitas, nas mais distintas articulações sociais, que conforma as nossas experiências. Somos mulheres pobres, negras, indígenas, brancas, lésbicas, trans, trabalhadoras, estudantes, professoras e mães. Manter-se na universidade não é fácil. Buscamos romper os silêncios, quebramos barreiras e buscamos um projeto de universidade que seja democrática e popular. Novas iniciativas foram impulsionadas com intuito de diminuir as mazelas sociais propiciadas pelo sexismo, racismo, lesbofobia, transfobia e pelas desigualdades socias e econômicas. Aqui cito as políticas afirmativas e a Secretaria de Atenção Contra a Violência Sexual. Contudo, é preciso avançar mais. A produção e o conhecimento científico não serão possíveis se não eliminarmos qualquer forma de injustiça e desigualdade social. Precisamos fortalecer as políticas conquistadas e ampliar a forma de permanência das mulheres, tais como ampliação da moradia estudantil, novas normativas para licença maternidade para as estudantes, efetividade do nome social, eliminação do assédio sexual e moral, precarização do trabalho feminino, combate à lesbofobia e ao racismo. A defesa da universidade pública de qualidade e socialmente referenciada só pode ser alcançada por meio desses pilares, tal como aponta a nossa Constituição, que nos coloca o direito universal à educação, igualdade dos direitos e sem nenhum tipo de preconceito e discriminação. Seguiremos em luta contra os retrocessos. Quando as mulheres avançam, ninguém retrocede. Muito obrigada”. O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra ao professor Carlos Vogt, representante dos professores eméritos, ex-reitor da Unicamp. O Professor CARLOS ALBERTO VOGT profere o seguinte discurso: “Boa tarde. Este é um momento, como outros, embora também diferente, pelos que passou a nossa Universidade e olhando esse encontro e a presença de todos nós aqui neste espaço, que foi concebido como a ágora da Universidade Estadual de Campinas, nos lembramos, é claro, das reuniões e de reuniões memoráveis, em particular da Assembleia Geral ocorrida nos anos 1980, quando a universidade enfrentava efetivamente uma ameaça consolidada pela intervenção do então governo do estado de São Paulo na universidade, chefiado naquele momento pelo governador Paulo Maluf. A resistência foi forte, grande e exemplar, porque não só como manifestação, mas do ponto de vista da eficácia, conseguimos naquele momento fazer com que a determinação, a decisão do governo do estado fosse revertida e os interventores não tomassem posse na Universidade dos cargos de direção. Falo isso pensando que estamos vivendo um momento, como disse o nosso Reitor, professor Marcelo, em que a Universidade se vê efetivamente e outra vez sob a ameaça de uma intervenção, agora que se parece mais a uma forma de sitiar a instituição, ou as instituições públicas, no sentido de levá-las à mingua e destruir aquilo tudo que nós, a sociedade brasileira foi durante todos esses anos construindo, edificando e fortalecendo em nosso estado e em nosso país. Esse é um momento, e é disso que queria dizer e falar a vocês, em que temos de estar unidos, temos de estar juntos. É um momento em que as diferenças, a diversidade, as manifestações de objetivos próprios, está orientada do ponto de vista da nossa ação para um objetivo comum, que é resistir a eles. É dizer ‘não’ a eles. É colocar a universidade na situação em que ela sempre esteve, de exercício da inteligência, do

exercício acadêmico, da produção intelectual, da produção de interesse social de luta e de bastião fundamental da democracia. Queria dizer a vocês, para terminar, quero citar trechos de dois poemas que marcaram gerações e que continuam marcando as gerações. Faço isso como poeta que sou, e o primeiro deles é um poema que todos conhecemos, e que se chama 'No caminho com Maiakóvski', e que é do poeta Eduardo Alves da Costa, cito apenas um trecho do poema, que diz o seguinte: 'Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim e não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada". Cito, para terminar, um poema do poeta, escritor, dramaturgo, ensaísta, cronista português José Régio, que nasceu em 1901, morreu em 1969, de um poema que é do primeiro livro de José Régio, e que se chama 'Cântico Negro'. Diz ele, na estrofe final: 'Ah, que ninguém me dê piedosas intenções, ninguém me peça definições, ninguém me diga 'vem por aqui'. A minha vida é um vendaval que se soltou, é uma onda que se alevantou, é um átomo a mais que se animou. Não sei por onde vou. Não sei para onde vou. Sei que não vou por aí'". O MAGNÍFICO REITOR informa que alguns estudantes estão no início da escada recebendo inscrições para o sorteio das falas abertas, aqui. Em seguida, ouvem uma canção de autoria de Laura Canabrava, a quem agradece. Passa a palavra para a acadêmica Bárbara Daniel, do Instituto de Artes, que fará a leitura da moção que será votada. A Acadêmica BÁRBARA DANIEL profere o seguinte discurso: "Boa tarde para todo mundo. Antes de começar a ler a moção, eu preciso pedir para vocês que absorvam cada palavra, porque palavra sem luta, é só palavra. Então, é isso aqui que está em jogo, é essa experiência que eu estou tendo, que nunca teve antes na minha família, é a presença. Então, vamos lutar por isso". Em seguida, passa à leitura: 'Moção da Unicamp à sociedade. A comunidade acadêmica da Unicamp manifesta sua indignação diante dos reiterados ataques contra a educação e a ciência perpetrados no Brasil nos últimos meses, e convoca a sociedade a unir-se em defesa da universidade pública gratuita, laica, socialmente referenciada e de qualidade. Neste momento preocupante da história nacional, caracterizado por uma crise econômica e política sem precedentes, é vital que as universidades públicas reafirmem o seu valor e ressaltem a importância da autonomia para o cumprimento de sua missão. Como se sabe, a missão primordial de universidades como a Unicamp, mantidas com recursos provenientes de impostos, consiste em formar pessoas altamente qualificadas, desenvolver pesquisas de impacto e colocar o conhecimento que produzem à disposição da sociedade por meio de atividades de extensão e de assistência. Ao mesmo tempo, espera-se das universidades públicas que acompanhem as transformações acadêmicas, científicas, tecnológicas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, buscando formas de promover a diversidade e a inclusão social em suas comunidades, de ampliar a transparência de seus processos e de atender aos objetivos de desenvolvimento sustentável. Nada disso é possível sem que se observe o princípio da autonomia, garantido às universidades públicas pelo artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Atentar contra a autonomia significa impedi-las de fazer suas próprias escolhas, fundamentais para a criação e manutenção de um

ambiente estimulante, desafiador, criativo, dinâmico e, sobretudo, de respeito às pessoas e à diversidade. Os obstáculos que têm sido impostos às universidades públicas – seja por meio de cortes orçamentários diretos, diminuição dos recursos direcionados aos órgãos de fomento ou pressões de natureza econômica, ideológica ou social – todos eles colocam em risco a estrutura do sistema nacional de ciência, tecnologia, inovação e ensino, deixando o país sujeito ao retrocesso e ao obscurantismo. Os argumentos nos quais se baseiam os ataques recentes, fortemente marcados pelo anti-intelectualismo e por um profundo desprezo pelo conhecimento científico, revelam uma visão equivocada da função da educação superior e da ciência. Os recursos de que as universidades públicas necessitam para realizar suas atividades não podem jamais ser encarados como um custo para o Estado, mas sim como um investimento no futuro do país. No Brasil, assim como em todos os países desenvolvidos, a pesquisa nas universidades é financiada majoritariamente pelo Estado, por meio de suas agências de fomento. Interromper o fluxo de recursos para essas instituições constitui um equívoco que impedirá o país de enfrentar e resolver os grandes desafios sociais e econômicos que se apresentam nos cenários atuais e nas projeções futuras. Da mesma forma, as críticas a áreas específicas, como as humanidades e as artes, demonstram uma ignorância absoluta do papel fundamental que a busca por conhecimento exerce no desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, bem como na formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento social, à redução das desigualdades e ao respeito à diversidade. Diante de tudo isso, cabe à Unicamp unir-se às demais instituições que buscam reagir às investidas contra as universidades públicas e, por conseguinte, ao violento processo de desmonte dos sistemas nacionais de educação superior e de ciência, tecnologia e inovação. A comunidade acadêmica da Unicamp reafirma, aqui, o seu compromisso com a defesa das liberdades de cátedra e livre organização associativa e estudantil. É preciso, neste momento, zelar pelo patrimônio inestimável que as universidades públicas representam para o Brasil. A criação de uma mobilização consistente torna-se urgente para evitar que os frutos de tantos anos de investimento de uma sociedade sejam colocados em risco por uma política que ignora tanto o passado, quanto o presente, e ainda ameaça o futuro do país. A isso, é preciso reagir!". O MAGNÍFICO REITOR informa que essa moção foi escrita em conjunto pelas associações representativas. Em seguida, submete à votação a moção à sociedade brasileira, que é aprovada pela comunidade universitária. Passa a palavra aos convidados externos, começando pela União Nacional e a União Estadual de Estudantes, com os acadêmicos Iago Montalvão e Caio Yuji. O Acadêmico CAIO YUJI profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos. Meu nome é Caio, sou presidente da União Estadual dos Estudantes e eu queria agradecer aqui a oportunidade de estar neste espaço, que deveria servir como um exemplo para as demais universidades que a gente tem aqui no país, sobretudo em um momento onde as universidades estaduais aqui do nosso Estado de São Paulo sofrem uma perseguição ideológica vinda do governo Bolsodória e de toda essa política que eles representam contra o pensamento crítico e contra a educação que hoje se materializa na CPI das universidades estaduais. É muito importante hoje que a gente se mobilize cada vez mais, como a gente fez no primeiro semestre, e como a gente vai continuar fazendo, porque nós não vamos

perder a nossa educação para um governo que não acredita na universidade respondendo às grandes crises e aos problemas que a gente vive hoje. É muito importante que cada vez mais a gente consiga ser maior, tão grande quanto a gente está aqui hoje, porque é com toda essa pluralidade do povo brasileiro que conseguiu acessar a universidade no último período, que a gente vai conseguir resistir a toda essa política, e a gente vai colocar a educação como prioridade no nosso país. Então muito obrigado pela oportunidade de estar aqui hoje, muito obrigado a todos os estudantes e todo mundo que veio aqui, porque é com essa unidade que a gente vai voltar para a rua e ecoar as nossas vozes dizendo que a nossa educação é prioridade e que a gente vai defender ela até o fim. Viva o movimento estudantil, viva a unidade e viva a educação pública de qualidade!" O Acadêmico IAGO MONTALVÃO profere o seguinte discurso: "Muito boa tarde a todos e todas que estão aqui. Queria parabenizar a toda comunidade da Unicamp por essa assembleia, mas parabenizar sobretudo, especialmente, os estudantes que se organizaram, lutaram no tsunami da educação durante todo esse ano, se mobilizaram para defender esse que é o maior patrimônio do nosso país, que é a universidade pública brasileira. E parabenizar os estudantes por terem conquistado esse espaço aqui também, e é assim, demonstrando que através da organização, da luta, é que nós vamos conseguir apresentar saídas para o nosso país. E eu acredito que esse espaço aqui ele é fundamental não só para a Unicamp, mas para a universidade brasileira, para a educação, para a sociedade brasileira como um todo, para chamar atenção das pessoas da importância da Universidade e de como ela está sendo atacada. E é por isso que esta assembleia hoje aqui precisa servir também para que conquistem uma assembleia universitária também na USP e também na Unesp, para que todas as universidades estaduais de São Paulo façam assembleias como esta e convoquem as suas comunidades a falar sobre a importância da universidade. E eu, como estudante da USP, tenho certeza que estarei lá pressionando também, reivindicando a Reitoria e a comunidade em geral para que nós façamos um espaço desse lá na USP também. E acredito que dentro da universidade é preciso que se debatam os avanços necessários, porque é preciso que se tenha mais democracia também nos ambientes internos da universidade, que os estudantes tenham mais participação, e cada vez mais, porque é ampliando a participação e a democracia, que nós vamos conseguir abrir mais caminhos e propostas para que a gente salve a universidade brasileira desse obscurantismo. E é também para que nós consigamos convencer o povo da universidade da importância da universidade, é preciso que a universidade fale cada vez mais com o povo, que ela sirva cada vez mais aos interesses do povo, mas que também ela se abra ao povo, porque a universidade não apenas tem que ir ao povo, o povo precisa se sentir dentro da universidade. Nós precisamos fazer com que ela esteja cada vez mais aberta, como nós conseguimos conquistar o ingresso através das cotas do vestibular indígena, das lutas de ingresso nas universidades. E é só através da mobilização, como os estudantes demostraram esse ano, que nós vamos conquistar. É fazendo assembleias assim, é convocando passeatas, é fazendo aula na rua, falando com o povo sobre o que é a ciência brasileira e falando que a ciência e a universidade sobretudo tem um papel na defesa da soberania do nosso país, porque em um momento em que presidente fala 'I love you' para os Estados Unidos, quer entregar

nossa riqueza, nossa soberania, não há soberania sem ciência, educação e universidade pública nesse país. Por isso a universidade é fundamental também na defesa da soberania. E, por fim, dizer e agradecer ao espaço, dizer que a UNE está à disposição e lutando pela educação e a universidade pública, e que nós não vamos aceitar os cortes, não vamos aceitar perseguição ideológica às universidades e perseguição ao movimento estudantil, porque eles atacam a UNE, atacam os DCEs, chamam os centros acadêmicos de 'ninho de rato' porque eles não têm capacidade de conviver em uma democracia, não têm capacidade, esse projeto deles não se encontra num ambiente de pluralidade, de contradição, como a universidade pública brasileira apresenta. E por isso nós vamos lutar e resistir, porque se nem os generais da ditadura militar nos silenciaram, não será esse governo de militantes da ignorância que vai nos silenciar. Viva a luta do movimento estudantil. Viva o povo brasileiro e a Unicamp. Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil! Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil!" O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra à acadêmica Flávia Calé da Silva, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos. A Acadêmica FLÁVIA CALÉ DA SILVA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos e todas que compõem este dia histórico aqui na Unicamp. Eu quero saudar toda comunidade acadêmica, eu quero saudar todas as entidades de representação através da Associação de Pós-graduandos, recém reorganizada, dessa que é a única universidade que tem mais pós-graduandos do que graduandos. Quero saudar o professor Marcelo Knobel, porque junto com o Conselho Universitário acatou uma reivindicação dos estudantes desta Universidade e realizaram esse importante espaço de discussão e esse grande ato político que dá exemplo para todas as universidades do país. Esse ano a gente completa 30 anos da lei da autonomia universitária, e justamente quando a gente achava que a democracia já estava estabelecida no nosso país, a autonomia universitária é novamente atacada, a universidade é novamente atacada. Ela é alvo do sufocamento financeiro, ela é alvo de perseguição ideológica e de segregação de saberes. Quando a sociedade do conhecimento coloca justamente a integração desses saberes. É alvo do desmonte do nosso sistema nacional de ciência e tecnologia e de educação. Quando o presidente da República quer acabar com agências de fomento e fundir a Capes e o CNPq, desvalorizando e acabando com a carreira científica e com a possibilidade de pesquisa no nosso país. Eles atacam a universidade porque é aqui que a gente produz 90% da produção científica nacional, e não existe soberania, não existe desenvolvimento sem a universidade. E, por ser esse pilar, nós estamos sob ataque. Mas como diz aquela faixa que estava pendurada aqui em 1981, 'O jeito é ir pro pau", e a gente vai pro pau no país inteiro para assegurar que a universidade pública vai continuar sendo pública". O MAGNÍFICO REITOR passa à palavra ao professor Oswaldo Luiz Alves, professor do Instituto de Química da Unicamp e vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências. O Professor OSWALDO LUIZ ALVES profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos. Confesso que essa atividade que estamos realizando hoje me deixa bastante emocionado, na medida em que, por obra do acaso, tenho a chance de participar de dois momentos extremamente graves da história desta Universidade: 1981, quando da intervenção do governador Paulo Maluf, e hoje em 2019, com

a crise que todos nós vivenciamos. Coincidência ou não, ambos são fontes da mesma desastrosa linhagem. O presente momento reveste-se de grande significado para a Academia Brasileira de Ciências, uma vez que a já centenária academia mais uma vez tem a oportunidade de reforçar o seu posicionamento em defesa da educação, da ciência, da tecnologia, da inovação, da universidade pública, como eixos estruturantes do desenvolvimento nacional, mas também como uma das formas de combater e lutar pela redução da pobreza em alinhamento claro com a agenda 20/30 da ONU. Vivemos, senhores, uma quadra altamente crítica em nosso país, na qual afloram diariamente problemas políticos, econômicos, éticos, de corrupção, de nepotismo, de intolerância racial e de gênero, e de balas eufemisticamente perdidas. Todo esse clima traz de volta a sombra do obscurantismo, que impacta sobremaneira a ciência e o conhecimento, obscurantismos cuja manifestação é tipificada pelos movimentos anticiência que têm contaminado vários governantes em uma clara investida para desconstruir discursivamente a credibilidade da ciência. As mudanças climáticas, a negação das vacinas, a negação do desmatamento da Amazônia, estão bem no centro dessas posturas. Menos ciência, menos tecnologia, menos inovação, menos humanidades, menos artes, menos educação, não temos dúvida, é o caminho mais curto que existe para a estagnação social e o marasmo econômico. A despeito de bravatas e desassossegos, a sociedade brasileira cada vez mais vem compreendendo a importância vital da ciência, da tecnologia, das humanidades e da educação. Cada vez mais cresce a percepção de que o desenvolvimento cultural e material, capaz de sustentar um novo modo de vida que permita, inclusive, o exercício da liberdade, da criatividade e da convivência humanizadora de nossas relações, por exemplo, só tem a ganhar com a preservação e o cuidado com o meio ambiente. Desta compreensão, acreditamos, surge de forma cada vez mais clara uma apropriação dos processos e produtos do conhecimento científico, tecnológico, artístico, intelectual por parte dos cidadãos. São essas ideias que nos trazem aqui nessa assembleia universitária, que nos levam não só a defender o desenvolvimento científico e tecnológico, mas também reiterarmos a relevância das universidades públicas de ensino e pesquisa, onde a maior parte desse acervo é concebido. Apesar disso, outras questões estão colocadas, e estas passam por tentativas seguidas, diria que até programadas, de asfixiar a universidade através da diminuição brutal do financiamento de suas atividades por parte dos governos. 42% do orçamento do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação está contingenciado. Além disso, o CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, está ameaçado em sua própria existência. Sobre essa situação, a Academia, juntamente com a SBPC, representada aqui pelo presidente Ildeu, e outras entidades, enviou carta na sexta-feira passada aos presidentes do Senado, ministro chefe da Secretaria de Governo da Presidência, Ministro chefe da Casa Civil, e os ministros de tecnologia, ciência e tecnologia, educação e economia, manifestando sua posição contrária à fusão da Capes com o CNPq, bem como a transferência da Finep para o BNDES. Destacou-se nessa carta o equívoco das medidas de fusão, sob todos os aspectos, já que as duas instituições, criadas e desenvolvidas há décadas, têm missões claras e complementares. Estes fatos explicam o cenário que enfrentamos, projetos importantes para o país estão paralisados, redes de pesquisas são desativadas, bolsas são reduzidas, o prejuízo

para o futuro do país é imenso. Essa queda tem provocado alguns sinais, como a situação de sucateamento de muitos de nossos laboratórios e também de um processo de perda em número significativo de pessoal altamente qualificado para outros países que vêm adotando posturas mais agressivas na atração de investigadores de todo o mundo. Para mudar esse quadro é preciso convencer a sociedade brasileira, em particular os diversos poderes da república, que sem um investimento importante em pesquisa e desenvolvimento, o país continuará enfrentando crises, em detrimento da qualidade de vida de sua população e também do seu protagonismo internacional. Falta aos nossos governantes a plena consciência de que no mundo atual, o conhecimento é poder e que, portanto, a aposta na ciência e tecnologia é fundamental. Ao invés de se curvarem à crise econômica, deveriam aproveitar a janela de oportunidade oferecida por essa crise para reposicionar o país no cenário internacional. É urgente, portanto, ampliar o apoio à ciência e tecnologia, à universidade e às empresas, pois essa é a chave do desenvolvimento econômico sustentável no mundo contemporâneo. Para isso, temos que lançar mão de todos os mecanismos de pressão, tais como pautas para todas as mídias, eventos que mostrem ao cidadão a importância da universidade, manifestos e manifestações, como esta maravilhosa manifestação que estamos realizando neste momento. Além disso, contamos cada vez mais com atuação de deputados e senadores, nossos aliados, que constituem a frente parlamentar mista de ciência e tecnologia, pesquisa e inovação, que têm tido papel destacado na solicitação e viabilização das audiências públicas na Câmara e no Senado, e que já começam a avaliar a constitucionalidade de vários atos, medidas e decisões tomadas pelo governo, e que impactam sobremaneira o dia a dia da comunidade científica. Termino esse pronunciamento com uma frase do colega Trevisan, em recente artigo: ‘Como sempre, a universidade resistirá, e mesmo que a duras penas, produzirá conhecimento. Mas, principalmente, fortalecerá o debate, defenderá a pluralidade de ideias, tudo que os regimes autoritários não suportam’. Muito obrigado”. O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra ao Secretário de Desenvolvimento de Campinas, senhor André von Zuben. O senhor ANDRÉ VON ZUBEN profere o seguinte discurso: “Boa tarde a todos. Para mim é uma honra poder participar de um evento tão importante e simbólico na nossa querida Unicamp. Reitor Marcelo, agradecer a oportunidade de estar aqui hoje representando a Prefeitura de Campinas, mas mais do que isso, simbolizando e representando a cidade de Campinas, que tem nessa universidade um carinho muito especial. Para Campinas é um privilégio ter uma universidade como a Unicamp, que ao longo de todos esses anos contribui para a formação de excelentes profissionais, para o desenvolvimento de pesquisa, para cultura e para educação, não só em Campinas, mas no nosso país. Hoje é um dia especial também, e simbólico, porque é o dia dos professores. Então queria fazer uma saudação às professoras e professores que cuidam do nosso presente, mas que constroem o nosso futuro. Uma salva de palma para eles. Essa é a beleza da universidade, onde as ideias podem ser debatidas livremente e podem construir propostas melhores para a nossa sociedade. É nisso que a gente acredita e por isso que a gente defende a universidade. Falo aqui também representando o Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia, que se soma a essa luta, acreditando que nesse momento tão difícil por que passa o nosso país, de retrocesso na educação, retrocesso nas

ciências, no meio ambiente, nós vivemos um momento de resistência, e esta resistência só vai acontecer se nós nos unirmos, se a gente buscar forças em todos os setores da sociedade. Por isso essa assembleia se reveste de uma importância fundamental, porque a união de toda comunidade científica, de toda comunidade da universidade, que busca fazer com que a pesquisa, a ciência e o conhecimento continuem sendo o referencial que nós temos para continuar defendendo as universidades. Defender as universidades só faz sentido se as universidades tiverem esse pluralismo, se a universidade puder ter voz, se a universidade puder defender as suas bandeiras. E é dessa forma que nós estamos aqui hoje trazendo o apoio não só da prefeitura, não só do Conselho, mas de toda cidade. Vida longa à Unicamp, vida longa à pesquisa, ao conhecimento e à cultura. Viva a Unicamp!" O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra ao professor Ildeu de Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. O Professor ILDEU DE CASTRO MOREIRA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos e todas. Gostaria de, em primeiro lugar, dar os parabéns a todas as professoras e professores da Unicamp e do Brasil inteiro, de todos os níveis, porque é um setor fundamental para a vida brasileira. Eu falo aqui em nome da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e mais 144 entidades científicas que são afiliadas à SBPC, de todas as áreas do conhecimento, das ciências humanas e sociais às ciências exatas e biológicas, às ciências das engenharias, às biociências. Então eu gostaria de, em primeiro lugar, agradecer à Unicamp por esse exemplo para o país de realizar um ato extremamente importante. Agora, muitas décadas depois de vocês fazerem aqui uma assembleia histórica, fazer outra assembleia histórica, que eu acho que deve ser um exemplo para o Brasil inteiro, e nós conclamamos as nossas sociedades científicas, a nossa comunidade, a nossa comunidade universitária do Brasil inteiro a se juntar, a se mobilizar, os reitores das universidades públicas a realizarem atos como esse, atividade de posicionamento claro em relação ao momento difícil que nós estamos vivendo, mas também momento de discussão, de debate, de diversidade, para buscar os caminhos que nós temos para o país. Nós vivemos, como já foi dito aqui por vários colegas, colega Oswaldo da Academia Brasileira de Ciências, momento muito difícil, muito difícil na área da educação, da universidade pública, do meio ambiente. Nós vimos destruições aceleradas no meio ambiente brasileiro. A questão dos direitos humanos e sociais, a questão da garantia à diversidade da sociedade brasileira. Então nós também temos um momento muito grave, que não podemos deixar de apontar, o modelo econômico, que valoriza apenas um setor da sociedade brasileira, os financistas, e que a grande parcela da população brasileira está de fora desse modelo econômico. Eu gostaria de mencionar duas coisas, que para nós são importantes: primeira delas é essa ação nossa de resistência contra o desmonte que está havendo no sistema nacional de ciência e tecnologia. Nós temos estado presentes no Congresso Nacional, temos feito muitas atividades, muitas manifestações junto ao governo. Fizemos na semana passada uma atividade, uma marcha pela ciência dentro do Congresso Nacional, fomos a todos os deputados e apontamos que o orçamento de 2020 é catastrófico para a ciência brasileira. Se deste ano já é ruim, se esse decréscimo significativo que aconteceu nos últimos anos para a ciência e tecnologia é uma questão que ameaça profundamente a nossa capacidade do país

inclusive de enfrentar as dificuldades econômicas que vivemos, neste ano o orçamento está reduzindo a metade o orçamento da Capes. Vocês podem imaginar o que significa pegar o atual orçamento da Capes, que é fundamental para a graduação brasileira, para a educação básica brasileira, os programas para licenciatura que é fundamental para a formação dos brasileiros, reduzir isso à metade no ano que vem? O fomento do CNPq para o ano que vem é zero. Todo recurso para o CNPq está voltado – e parcialmente, não dá conta disso – para as bolsas. A Finep, que é a Agência Nacional de Inovação, criada também há décadas, para o ano que vem 90% do recurso que vem de setores econômicos, para inovação tecnológica e social, está congelado. Isso significa que nós, com esse quadro, não temos chance de competir minimamente em escala internacional, e chance mínima de atender as diversas dificuldades, os problemas da qualidade de vida dos brasileiros na área da saúde, na área da educação, na área do meio ambiente, na área do trabalho. Então é fundamental a preservação dessas agências. Fizemos, como o Oswaldo mencionou, uma moção na semana passada para vários ministros, para o governo, para os presidentes da Câmara e do Congresso, para todos os deputados, dizendo que nós não aceitamos a extinção do CNPq. Nós não aceitamos a extinção da Finep. Essas agências de fomento são fundamentais há décadas para a sociedade brasileira e não podem ser descontinuadas com uma decisão burra, imbecil, de acabar com agências que são fundamentais para a ciência brasileira. Eu gostaria de terminar dizendo o seguinte: a nossa atuação deve ser de resistência a esse desmonte que está sendo delineado em várias áreas da educação, das universidades, da ciência brasileira. Mas nós temos que pensar também para frente, nós temos de avançar, nós temos de propor. A nossa universidade tem que melhorar, a nossa pesquisa tem que melhorar, a nossa inserção na sociedade brasileira tem de ser aprimorada, e nós precisamos pensar um projeto de país. Este país não tem projeto, tem projeto de desconstrução. Nós precisamos de todos juntos, a sociedade brasileira, os diversos setores, os empresários, os trabalhadores, o setor universitário e as universidades têm uma responsabilidade muito importante nisso. Nós temos condição privilegiada de estudar em universidade pública gratuita, e ela deve continuar assim, mas nós temos a obrigação social de discutir a sociedade brasileira. Que projetos nós temos para o país? Se a gente compara com países vizinhos ou países que estão em desenvolvimento, a gente vê que nós estamos andando para trás em todos os indicadores, de educação, de ciência e tecnologia, de inovação, de economia, porque nós não temos projeto nacional que unifique a grande maioria dos brasileiros, um modelo econômico muito restrito e uma perspectiva muito reduzida a curto prazo e burocrática. Nós precisamos pensar juntos. Eu acho que esse ato aqui na Unicamp é um exemplo que a gente deve começar a fazer agora. Nós temos que estar juntos para resistir, mas temos de estar juntos para construir. Que alternativas nós queremos para o nosso país? Um país menos desigual, um país com desenvolvimento sustentável, um país em que a diversidade seja valorizada e um país que tenha qualidade de vida para a população brasileira. Muito obrigado". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra para a acadêmica Rafaella, da Liga das Atléticas. A Acadêmica RAFAELLA MALAFAIA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todos os estudantes, professores e funcionários da Universidade Estadual de Campinas. Uma ótima tarde e um dia histórico de luta do movimento universitário e do

movimento estudantil pela democracia, pelo desenvolvimento e pela soberania nacional. Meu nome é Rafaella Malafaia, sou presidente do Centro Acadêmico de Educação Física e vice-presidente da Liga das Atléticas da Unicamp. Gostaria de saudar a todos que compõem essa assembleia, o professor Reitor Marcelo Knobel, o Diretório Central dos Estudantes, a Associação de Pós-Graduandos da Unicamp, todas as entidades que assinaram a carta enviada ao Consu e que possibilitou a realização dessa assembleia e com muito respeito e carinho, gostaria de saudar e agradecer a presença da União Estadual dos Estudantes de São Paulo e da União Nacional dos Estudantes, duas entidades centrais e históricas de luta do nosso país. Em momentos tão importantes como o que estamos vivendo, é imprescindível relembrar nossa história de resistência e luta, por isso precisamos resgatar o papel que o movimento estudantil teve durante os anos de chumbo no Brasil. Nós somos filhos de uma geração do movimento estudantil que por meio dessas duas entidades e também outros DCEs e centros acadêmicos, resistiu e venceu a cruel ditadura militar. Nós somos filhos dos estudantes que entregaram suas vidas e derramaram seu sangue para tirar do poder a tirania dos militares e para que nós pudéssemos estar aqui hoje nesta assembleia. Todos os perseguidos políticos que foram presos, torturados e mortos eram estudantes como nós, militantes independentes, diretores e presidentes de centros acadêmicos, DCEs, uniões estaduais, e da União Nacional dos Estudantes. O que nós temos algumas décadas depois é um presidente que vangloria e exalta tais ditadores e ataca covardemente as universidades públicas brasileiras. Um presidente que ataca as mulheres, os negros e a comunidade LGBT. Um presidente que entrega o patrimônio nacional e nossa soberania para o livre mercado e para a iniciativa privada de grandes potências. Nós precisamos reagir. Tudo que este país conquistou em sua história foi graças ao movimento estudantil, e nós somos responsáveis por gerar a real mudança de nossa sociedade. O que precisamos tirar do dia de hoje é a força e determinação para ocupar a universidade em cada assembleia e ocupar as ruas em cada paralisação. Nós precisamos nos reaproximar da população brasileira, e para isso não basta fazer ciência na rua uma vez por mês, temos que levar a extensão universitária para a periferia. Se nós não lutarmos para defender nossos pesquisadores da Unicamp que estão voltando para as suas casas e largando suas pesquisas por corte de bolsas, se nós não lutarmos para defender as nossas universidades, se nós não lutarmos para defender o pensamento crítico e a liberdade de expressão, meus queridos, ninguém lutará por nós. E não existe soberania nacional sem ciência e tecnologia. Como estudante de Educação Física, e em nome das atléticas e do esporte universitário, digo que todos estamos à disposição para lutar e construir uma frente ampla do movimento estudantil contra o autoritarismo e contra o sucateamento da educação pública. Muito obrigada a todos". O MAGNÍFICO REITOR diz que sorteará um nome de cada urna, e enquanto isso a professora Alpina falará sobre a Amazônia. A Professora ALPINA BEGOSSI profere o seguinte discurso: "Boa tarde. É muito bom rever o movimento estudantil, dentro da universidade, com tanta força. Eu quero lembrar que a universidade é diversidade, conforme a gente está vendo, mas o Brasil é diversidade também, a gente não pode esquecer. E a gente precisa então lembrar da questão da sustentabilidade, das melhores condições sanitárias, e a gente precisa rever o quanto nesses últimos meses o governo federal não só ignorou, mas

achincalhou os dados sobre desmatamento na Amazônia. Então nós precisamos reagir e pensar no nosso futuro. A Amazônia é riqueza de espécies, é riqueza de populações, é riqueza de alimento para indígenas, para ribeirinhos, para a população brasileira. Então, mais uma vez, construir um futuro melhor é olhar a sustentabilidade, que o movimento estudantil possa também pegar essa bandeira com garra. Eu fui do movimento estudantil nos anos 1970. Meu amigo Azedo dizia: 'Se a ditadura não calou a minha boca, não é o governo Bolsonaro que irá nos calar'. Vamos em frente!" O MAGNÍFICO REITOR chama os quatro sorteados das urnas: professor José Ricardo Figueiredo, da Faculdade de Engenharia Mecânica; o servidor Danilo Negretti; o estudante de graduação Sidney Alex da Silva; e a estudante de pós-graduação Beatriz Laiate. Vamos lá, começando. O senhor JOSÉ RICARDO FIGUEIREDO profere o seguinte discurso: "Eu queria chamar atenção para a gravidade do ataque que a gente está sofrendo, que não se restringe às universidades nem à CNPq, Capes, mas vai muito além disso. Por exemplo, a Unicamp forma excelentes geógrafos, mas para que geógrafo se a gente está entregando nosso pré-sal para empresas estrangeiras? A Unicamp forma engenheiros mecânicos ótimos, alguns já foram trabalhar na Embraer, tive aluno que foi trabalhar na Embraer. E agora a Embraer é que não vai trabalhar mais para o Brasil. O Bolsonaro, quando foi à Davos, em um curto discurso, de seis minutos, disse mais ou menos assim: 'Nós esperamos tecnologia de vocês e temos as nossas riquezas naturais a oferecer'. Essa é a cabeça que está dominando esse país, e recolonização. Então, aqueles estudantes que queriam trabalhar em engenharia aeronáutica vão ter muito mais dificuldade. As vocações de geólogo, de matemático, de físico, ciências sociais, qualquer área, fica muito restrito, num país que se conforma em ser vendedor de produtos agrícolas e minério. Então eu queria chamar a atenção para a gravidade do ataque que a soberania nacional vem sofrendo. Nós somos, aqui na universidade, só parte disso. Então, a gente na universidade precisa do apoio da sociedade para nossa luta. Ao mesmo tempo, a gente tem que saber apoiar essas outras lutas que se relacionam tanto com a gente". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra ao senhor Sidney Alex da Silva. O senhor SIDNEY ALEX DA SILVA profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todas e todos. Sou trabalhador da Funcamp, terceirizado, do setor de nutrição. Sou auxiliar de almoxarifado. Sabemos dos ataques que têm sido feitos contra as universidades, mas não é só contra as universidades, contra todo povo trabalhador. Essa onda de empreendedorismo fascista vem nos impondo que temos que ter o próprio negócio. A gente vem aqui denunciar, que o terceiro setor, os terceirizados não participam legalmente da comunidade acadêmica. Gostaríamos de reivindicar o espaço, respeito, porque somos trabalhadores e ajudamos a construir a Universidade. A gente já vem sofrendo vários cortes, ultimamente em uma ação precária de acordos burocráticos, sindical, a Funcamp cortou o direito de o pai ter direito à creche, auxílio creche. É uma questão machista, sexista. A gente vem denunciar também que vêm sendo fechadas as portas para nós, Funcamp. E são 330 famílias. A gente sabe que contrato pode ser nulo, pode ter divergências, a gente não está discutindo o contrato, a gente quer discutir a permanência dos trabalhadores, o direito de participar, ter atendimento no Cecom, todos os terceirizados da segurança, vigilância e do setor de limpeza, pois juntos construímos esta Universidade pura e de liberdade. Nenhuma família

na rua, se a Unicamp demitir a gente luta. Nenhuma família na rua. Se a Unicamp demitir a gente luta. E o primeiro ato, aqui quem almoçou? Quem já almoçou aqui? E quem não almoçou? Então a gente convida a todos a pular catraca hoje em forma de protesto. Nós vamos pular a catraca hoje". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra para a a acadêmica Beatriz Laiate. A Acadêmica BEATRIZ LAIATE profere o seguinte discurso: "Meu nome é Beatriz, sou da APG Central da Unicamp, uma entidade representativa dos pós-graduandos da Unicamp, que foi reestruturada há pouco mais de um mês em virtude dos ataques que a pós-graduação tem sofrido neste país por causa do obscurantismo do governo federal. E essa fala vem para se colocar contra os cortes da Capes e do CNPq e a destruição paulatina das universidades federais que vem ocorrendo nesse momento com os cortes desumanos e que afetam toda a sociedade brasileira, desfavorecida, apartada da universidade; contra a perseguição política institucional e a censura aos movimentos sociais e estudantis do Bolsodória. Não à militarização da educação em nenhuma esfera, e o combate a toda forma de autoritarismo, perseguição e censura. Em defesa da universidade pública e do financiamento público, contra o Future-se, que ataca a autonomia financeira e política da universidade, bem como seus primos paulistas, como o Inove-se e a cobrança de *lato sensu*, que infelizmente tenta se aproximar da Unicamp, e que se assemelha ao Future-se. Calendário unificado de luta dos setores e mobilização das nossas bases de institutos, garantias e manutenção das políticas afirmativas e de acesso dos estudantes negros e estudantes indígenas, ampliação da moradia e das bolsas; condição de trabalho digno aos pós-graduandos, responsáveis por 90% da pesquisa desse país; e saudar a APG e a ANPG, Associação Nacional de Pós-Graduandos, para chamar das nossas reuniões toda sexta-feira, meio dia e meia, aqui no CB. Pela educação, pela universidade pública!" A Acadêmica MAYARA GREGORACCI DOS SANTOS profere o seguinte discurso: "Boa tarde a todas e a todos. Eu continuo aqui fomentando a fala da Bia, meu nome é Mayara, sou da Associação de Pós-Graduandos da Unicamp, entidade que nós construímos com muita luta, com muita dificuldade, mas que conseguimos manter e que agora ela cresce, ela continua e ela precisa do apoio de todos vocês. Ela precisa do apoio dos estudantes da pós-graduação, dos professores da graduação, dos funcionários, porque é essencial defender a pesquisa, defender a ciência, defender a nossa soberania nacional atacada por todo esse desgoverno, por esses censuradores, pelos repressores e opressores que agora estão por meio de um golpe da *fake news*, por meio de Lula preso, por muita coisa que fizeram para chegar nessa situação que nós estamos agora. Lula livre sim, porque estamos no meio de um golpe, de uma perseguição política, e precisamos reforçar a nossa responsabilidade enquanto universidade pública. A nossa responsabilidade enquanto pós-graduandos, graduandos, professores. Conclamo a todos a essa luta. Nós não podemos morrer aqui, nós não podemos parar. Vamos transformar esse luto em luta. Obrigada". O MAGNÍFICO REITOR passa a palavra ao senhor Danilo Mello Negreti. O senhor DANILO MELO NEGRETI profere o seguinte discurso: "Boa tarde, pessoal. Eu sou o Danilo, eu sou funcionário desta Universidade há 20 anos. Eu já fui funcionário da Funcamp, como esses trabalhadores que estão correndo risco de ser demitidos, e serão demitidos, porque a gente conhece como funciona esta Universidade. O que eu tenho a dizer para vocês, não se enganem

dizendo que a gente está de mãos dadas com docentes, nós não estamos. Então, atenção, o movimento negro sabe que a conquista aqui só se dá chutando porta, e o movimento indígena, leve isso como lição. Não venha aqui agradecer a oportunidade de falar, exija sempre a oportunidade de falar. A universidade é um aparelho do estado, e aqui dentro as desigualdades se reproduzem. Isso aqui que está acontecendo, só está acontecendo por fruto de mobilização dos estudantes que foram cobrar o Consu. Esta assembleia, para ser democrática, tinha que ser uma assembleia com inscrição livre, sem horário para terminar, porque a situação que o país vive exige que uma assembleia não tenha horário para terminar. Não é com aprovação de uma moção que a gente vai derrubar o presidente. Não é com aprovação de uma moção que a gente vai mudar o quadro da educação, porque o Jonas aprovou a escola militar em Campinas e o cara veio aqui representar o governo Jonas. Eu espero de uma Reitoria que diz que está com os movimentos sociais, que está com os estudantes, uma nota, e não é uma nota em cima do muro, como as reitorias costumam soltar, porque as reitorias têm lado, e não é o lado dos trabalhadores. É sempre o lado do governo estadual, em primeiro lugar. A crise da universidade é uma crise de caráter, é uma crise que vai muito além de uma crise financeira, porque aqui nós temos muitos querendo manter os seus privilégios enquanto nós, e muitos de vocês, nasceram, cresceram e vão morrer na crise. Então, a gente não consegue mudar um país com uma moção, a gente só consegue mudar o país com luta, e nossos irmãos do Equador mostraram isso, uma semana intensa de mobilização conseguiu derrubar uma medida do governo. Então, eu espero que esse seja o primeiro movimento da Universidade e da Reitoria na construção de um movimento maior, de um movimento de rua, de um movimento de ocupação popular, porque se hoje a universidade está sendo derrubada e a sociedade não está nem aí para a universidade é porque, como o Reitor mesmo disse, a gente abriu a porta para as empresas e para a tecnologia e esqueceu que aqui no entorno da Unicamp mesmo a gente tem quatro ou cinco comunidades periféricas que nunca tiveram acesso à universidade. É isso. O estado mata preto, mata mulher, mata indígena, o estado nos mata todo dia. Então eu deixo aqui que esse movimento continue, é muito bom ver o Ciclo Básico ocupado, eu esperava que isso aqui fosse acontecer por um dia inteiro, porque eu acho que a gente tem muito o que discutir, e uma assembleia não encerra a nossa luta de jeito algum. Obrigado, gente. Valeu". O MAGNÍFICO REITOR, para encerrar, convida para fazer uso da palavra o estudante do Cotuca Pedro Fuziwara Filho, representando o futuro da universidade. Obrigado, Pedro. O Acadêmico PEDRO FUZIWARA FILHO Meu nome é Pedro Fuziwara Filho, eu participo do grêmio do Colégio Técnico de Campinas. Para os que não sabem, o Colégio Técnica de Campinas é o ensino técnico da universidade da Unicamp. Eu venho aqui para falar sobre a situação do nosso colégio, que está lá no Taquaral. É importante lembrar que os cortes nas universidades não atingiram somente aqui o *campus* da Unicamp, mas também os seus braços, como o nosso colégio. No Cotuca, por mais que muitos não saibam, também se produz ciência. Temos aqui o professor Pasti, que orienta alunos da nossa escola na produção científica em geografia. O projeto do governo que financia as nossas pesquisas dentro do Cotuca se chama Pibic. Os nossos alunos recebiam somente R$100 por mês para poder fazer as suas pesquisas. E adivinha só? R$100 que foram cortados deles. No

Cotuca tínhamos aula de espanhol também. E adivinha só? O espanhol também foi cortado. No Cotuca, tínhamos professores de português para corrigir as nossas redações, professores que eram da pós-graduação aqui da Unicamp. E adivinha só? Eles também foram cortados. O nosso programa dos livros didáticos acabou. Nós recebemos livros didáticos esse ano, talvez não recebamos ano que vem. O Cotuca, foi prometido a ele um espaço aqui dentro do próprio *campus* para que ele possa existir. Dentro do Taquaral, os professores dão aula em salas sem qualquer tipo de estrutura. Você escuta os caminhões passando fora da sala de aula, você escuta o professor da outra sala dando aula. As condições do Cotuca refletem os cortes de gastos da Unicamp. Por fim, eu quero ressaltar a participação dos alunos do Cotuca nas lutas estudantis que aqui estão. Os meus amigos estão lá, o professor Edsão está ali, eu tenho uma enorme admiração por poder estar com vocês. Participamos das lutas estudantis em maio, em junho e julho e vamos continuar lutando pela nossa escola e pela universidade que todos nós queremos poder um dia entrar. Muito obrigado". O MAGNÍFICO REITOR agradece a todos pela participação neste dia histórico e conclama a seguirem lutando para uma ciência e tecnologia, para educação pública cada vez melhor no país, e a resistirem a esses ataques. Nada mais havendo a tratar, declara encerrada a Sessão e, para constar, eu, Ângela de Noronha Bignami, Secretária Geral, lavrei a presente Ata e solicitei a Aline Marques que a digitasse para ser submetida à ciência do Conselho Universitário. Campinas, 15 de outubro de 2019.